



A PINTURA RUPESTRE EM ABRIGOS DE ROCHA NA APA GRUTA DOS BREJÕES VEREDA DO ROMÃO GRAMACHO - MORRO DO CHAPÉU, BA

Elvis Pereira BARBOSA

RESUMO

Trata das pinturas rupestres encontradas em abrigos e cavernas do Interior da Anui de Proteção Ambiental Gruta dos Brejões Vereda do Romão Gramacho no município de Morro do Chapéu, Estado da Bahia. As características físicas, ecológicas e arqueológicas destas pinturas se destacam em melo a um ambiente hostil, onde a seca é uma constante e as condições de sobrevivência dos grupos humanos do passado e do presente chamam a atenção frente o Isolamento do local.

Palavras Chave: Pintura Rupestre, Arqueologia, Espeleologia.

INTRODUÇÃO

Definir o que vem a ser considerado como "arte rupestre", é extremamente delicado, afinal de contas estamos olhando para os painéis pintados nas rochas com o olhar de um observador do nosso tempo e não com as inferências dos produtores das sinalações dentro da sua época.

Considerar as sinalações rupestres apenas como um simbolismo artístico, procurando ali um significado estético, induz-nos a desconsiderar a produção material daquela cultura que está sendo representada através das sinalações. Martin considera que:

“por mais que o arqueólogo queira inibir-se da valorização estética do registro rupestre, procurando-o utilizá-lo apenas como uma parte do contexto arqueológico, como ser humano sensível aos estímulos estéticos do seu entorno, valorizará também o seu conteúdo 'artístico’” (MARTIN, 1997. p. 237).

Desta forma, tem-se que considerar o registro rupestre como um todo e não torná-lo de forma isolada, passando a analisar figura por figura ou painel por painel, buscando assim algum significado para as sinalações.

Sendo assim, a interpretação do sitio rupestre, envolve todo um complexo de análises que vão desde a observação do sítio em si, até a observância do complexo arqueológico onde o sítio está inserido, ou seja, o seu entorno, a sua fauna e flora atuais, o seu processo de deterioração, enfim, todos os fatores que possam afetar o sítio. Além do mais, faz-se necessário também definir o que vem a ser arte e de que forma este conceito está inserido para interpretação de um sítio arqueológico rupestre.

A arte, como ela é conhecida, tem por objetivo "uma finalidade sem fim". Ba traz em si a sua própria definição, a sua contemplação, o seu significado estético. A chamada "arte rupestre", portanto, não se enquadra dentro do contexto contemporâneo de arte, uma vez que ela possui um significado lógico e que foge ao mero apelo estético e por demais ambígua, no dizer de Prous (1992).

Acima de tudo, os grafismos rupestres podem se considerados também como um símbolo de linguagem, expressa através de diversos motivos pintados nas paredes pela culturas do passado,



ANAIS

XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



onde “*persiste todo um principio simbólico no tocante à tentativa de se expressar com um indivíduo ou com um grupo inteiro*” (BARBOSA. 1999. p. 84).

Portanto, como afirma Prous:

“por 'arte rupestre' entendem-se todas as inscrições (pinturas ou gravuras) deixadas pelo homem em suportes lixos de pedra (paredes de abrigos, grutas, matacões, etc). A palavra rupestre, com efeito, vem do latim rupes-is (rochedo); trata-se, portanto, de obras imobiliares. no sentido de que não podem ser transportadas (à diferença das obras mobiliarias, como estatuetas, ornamentação de instrumentos, pinturas sobre pelos, etc)” (PROUS. 1992 p. 510)

Neste sentido, portanto, o modelo de interpretação mais empregado no Brasil para os sítios rupestres classifica-os dentro de nove Tradições a saber.

- a) Meridional, para a região sul do Brasil;
- b) Litorânea Catarinense, para a região litorânea de Santa Catarina;
- c) Geométrica, que se estende desde o planalto catarinense até o Nordeste e que ainda possui as Ate/wfesrações Setentrionais (subtmSçao Kacoatiara) e as Manifestações Meridionais (subtradição Morro do Avençai);
- d) Planalto, desde a divisa dos estados de São Paulo e Paraná até o estado da Bahia;
- e) Nordeste, englobando todo o planalto central brasileiro, o Nordeste (estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, parte da Bahia e do Ceará);
- f) Agreste, englobando os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba Pernambuco e Piauí;
- g) São Francisco, encontrada no vale do rio São Francisco em Minas Gerais, Bahia e Sergipe;
- h) Amazônica, encontrada na bada amazônica.

METODOLOGIA

Na região da APA dos Brejões, foram identificados sítios arqueológicos de características rupestres, ou seja, com abundância de sinalações rupestres, e um sitio de características títicas, próximo a uma das zonas de concentração das pinturas. A grande maioria dos sítios rupestres da APA, estão localizados em abrigos de rocha, ao longo do cânion do Rio Jacaré, nas paredes de calcário também localizados dentro do cânion ou próximo a cursos d'água que desembocam o rio Jacaré. A metodologia empregada para este estudo dentro da área da APA, consistiu na descrição dos sítios, na realização de fotografias dos sítios e na busca de indícios arqueológicos mais consistentes no entorno destes, visando uma caracterização mais coerente das ocupações.

Os estudos arqueológicos realizados mais próximos desta região, foram feitos por Calderón (1967; 1969-a: 1983). Barberi (1995) e Beltrão (1996; Beltrão e Costa, 1972; Beltrão e Andrade Uma, 1986). Para a análise e interpretação das sinalações da APA, adotou-se a metodologia empregada primeiramente por Calderón (1983), e faz-se necessário, portanto, uma justificativa para o emprego desta.

Entende-se que o estabelecimento de uma Tradição demanda bastante trabalho de campo e, conseqüentemente, o enquadramento dos diversos sítios arqueológicos rupestres dentro de uma ou mais tradições e suas respectivas fases ou não. Barberi preferiu enquadrar os sítios estudados por ela em Morro do Chapéu dentro das Tradições Planalto, São Francisco e Nordeste, mas como a própria autora coloca, considero também que a "área em questão constitui uma zona de convergência



ANAIS

XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003



Sociedade Brasileira de Espeleologia

de diferentes estilos que se misturam, pois situa-se geograficamente nos limites estabelecidos para as diferentes tradições citadas* (BARBERI, 1995. p. 204).

Portanto, adotou-se uma posição cautelosa antes de enquadrar os sítios rupestres dentro desta ou daquela Tradição sem um estudo mais aprofundado. Por isto, inicialmente, mantém-se apenas a descrição dos mesmos, levando-se em conta os seus aspectos técnicos, como Técnica, Motivos, Cor e Ecologia, e uma pré-classificação dentro da Tradição Geométrica, haja vista que todos os sítios visitados apresentavam as mesmas características em relação ao motivo dos desenhos.

OS SÍTIOS

Apesar de já terem sido localizados mais de 20 sítios arqueológicos em abrigo de rochas dentro da APA e diferentemente do Relatório sobre a Arqueologia do local (BARBOSA, 2001, p. 3-181/3-192), serão tratados aqui apenas quatro sítios arqueológicos. A escolha dos sítios não ocorreu de maneira aleatória, haja vista que eles estão próximos e conseguem fazer parte de um complexo de sítios de provável ocupação temporária, devido principalmente às suas características físicas e geográficas.

Sito Brejões I - sítio localizado sob um grande paredão, que colocava, parcialmente ao abrigo das chuvas, as populações que ali deixaram os seus sinais. O sítio é composto de uma série de sinalizações, dispostas ao longo de 130 m de comprimento, numa altura média de 1,60 m, sendo que existem neste sítio, gravuras a mais de oito metros de altura. A maioria das sinalizações, podem ser classificadas como sendo da Tradição Geométrica, citada por Calderón como sendo Tradição Simbotista (CALDERÓN, 1983. p. 15).

- Técnica: figuras geométricas estilizadas e algumas figuras antropomorfas e zoomorfas, compostas de linhas grossas, sem movimento, sem muitos detalhes. Boa parte das gravuras estão cobertas por uma grossa camada de poeira, haja vista que o local já fora utilizado como área de pastagem para o gado. O piso do local está coberto por uma espessa camada de sedimentos, parte oriunda da passagem do gado pelo local e parte oriunda da ocupação humana. Não foi possível a realização de poços-teste com a finalidade de identificar com melhor precisão os vestígios do sub-solo, (rua vista que a vista ao toca) não tinha este intuito;
- Motivos: basicamente desenhos geométricos, com ângulos acentuados, formas circulares concêntricas isoladas ou com linhas retas partindo do centro para as extremidades; existe neste sítio algumas poucas figuras zoomorfas e antropomorfas, além da impressão positiva das mãos. Completam o painel, uma série de desenhos compostos por pontos coloridos que dão forma aos desenhos;
- Cor: as cores predominantes são: vermelho para as figuras zoomorfas, antropomorfas e a maioria das figuras geométricas; as demais figuras geométricas estão pintadas em preto ou amarelo; algumas poucas figuras estão representadas através de mais de duas cores, como o vermelho, o amarelo, o preto e o branco;
- Ecologia: a vegetação primária, composta de marváceas e algumas árvores de médio porte, como o angico e aroeira.

Sítio Bocana I - sítio localizado sob um grande abrigo de rochas, com uns 30 m de comprimento por 30 m de altura, num terreno bastante adoentado, com uma inclinação de 15°+ e blocos abatidos, em grande quantidade, na entrada do abrigo. As pinturas estão localizadas ao longo de todo o abrigo, sendo que algumas delas situam-se na área de penumbra, ou seja, estão na parte mais escura do abrigo; dois destes conjuntos de pinturas, estão em condutos que não avançam e um terceiro está no teto baixo de uma pequena cavidade no canto direito do abrigo. Os desenhos encontrados aqui são



ANAIS

XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



os que tom a maior diversidade de cores, variando do vermelho ao ocre, do preto ao branco e do marrom ao amarelo.

- Técnica: figuras geométricas pintadas com linhas grossas, com superposição de cores; positivos das mãos espalhados ao longo dos painéis; figuras geométricas estilizadas com Unhas duplas de execução complexa;
- Motivos: antropomorfos e zoomorfos em pequena quantidade, motivos geométricos espalhados com linhas retas partindo do centro para as extremidades; desenhos labirínticos e desenhos anguliformes;
- Cor: vermelho, venelho-ocre, amarelo, preto, branco;
- Ecologia: árvores de médio porte na frente do abrigo, principalmente o angico e a aroeira.

Sítio Bocana II - o sítio localiza-se na entrada da Gruta da Bocana e compõe-se basicamente de painéis nas laterais das paredes da gruta. Os painéis já estão bastante deteriorados, possuindo uma grossa camada de poeira que impede a visualização de boa parte dos desenhos. A entrada da gruta também está localizada em terreno com uma inclinação bastante acentuada, possuindo um grande número de blocos abatidos na sua entrada.

- Técnica: figuras geométricas pintadas com linhas simples e grossas, numa única tonalidade; figuras geométricas estilizadas;
- Motivos: motivos geométricos espiralados; conjuntos de linhas retas formando figuras geométricas retangulares com Unhas paralelas no seu interior;
- Cor: vermelho e vermelho-ocre;
- Ecologia: semelhante a encontrada no sítio Bocana I.

Sítio Ressurgência I - este sítio localiza-se na margem direita do rio Jacaré, na Ressurgência da Gruta dos Brejões.

Neste sítio, é possível encontrar as pinturas na parte superior da entrada da caverna, onde existem três painéis distintos: o primeiro painel está em perfeito estado de conservação, apesar de localizar-se bem próximo ao nível do solo; o segundo painel já apresenta sinais avançados de deterioração pela ação do tempo; o terceiro painel apresenta bons sinais de conservação, mas já sofre os primeiros sinais da ação antrópica, através das pichações feitas em carvão sobre a pintura. Do outro lado do rio, existe um outro painel que está bastante deteriorado em função das pichações produzidas por pessoas que se utilizam do local para pichações são compostas pelos nomes dos respectivos autores, pintados com carvão e que já cobrem boa parte das pinturas originais.

- Técnica: figuras geométricas antropomorfas e zoomorfas, bem distintas, espalhadas ao longo de três painéis. As figuras zoomorfas e antropomorfas transmitem a sensação de movimento, estas são constituídas de linhas grossas e firmes, postas de frente (figuras antropomorfas), onde se destacam o tronco cheio com os membros finos;
- Motivos: figuras zoomorfas em movimento, figuras antropomorfas não muito dinâmicas postas ao lado dos motivos zoomorfos; figuras geométricas retangulares, em duas tonalidades de cor, com linhas paralelas no seu interior e figuras circulares com linhas retas perpendiculares;
- Cor: vermelho;
- Ecologia: vegetação típica de beira de rio, muito capim e uma vegetação rasteira no entorno da gruta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação humana nas proximidades do vale do rio São Francisco e de seus afluentes conduz o pesquisador a períodos remotos da nossa história, onde é possível observar que os grupos humanos



ANAIS

XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



agiam e interagiam com a flora e a fauna principalmente a mega fauna - da região de maneira sistemática.

A chegada dos povos colonizadores europeus pode ter interrompido o estabelecimento de novos parâmetros de exploração dos recursos naturais para estes povos, no sentido de conseguirem transpor a barreira do nomadismo e da caça/coleta para a etapa de semi-nomadismo e início da agricultura. Infelizmente, estas questões nunca serão respondidas na sua plenitude, ficando assim, uma lacuna dentro do processo de ocupação do interior do país.

As ações destes grupos, em meio a geografia da região, ficaram gravadas nos diversos abrigos de rochas, entrada de grutas e cavernas do vale do Rio Jacaré. As sinalações rupestres encontradas ali, podem indicar um pouco as características da vida em grupo, mesmo sendo ele pequeno, haja vista tratarem-se de caçadores-cotetores e não de horticultores.

Como já foi posto, jamais se saberá o significado pleno das sinalações, mas as inferências que podem ser elaboradas em torno do tema, permite adentrar em diversas análises de significação para o mesmo assunto. Aos arqueólogos, basta tentar compreender em que condições de sobrevivência estes indivíduos, e os seus respectivos grupos, conseguiram permanecer e manejar uma área tão grande por um período considerável de tempo, onde, provavelmente, as transformações climáticas e da paisagem pouco mudaram ao longo dos últimos milênios.

Neste sentido, a abordagem das sinalações em associação com outros grupos humanos que habitaram as imediações do vale adquire uma nova importância, uma vez que, com este procedimento será possível observar a distribuição espacial das populações e a interação entre os diversos grupos que ocuparam e exploraram o vale do rio Jacaré durante a Pré-História. A localização e identificação dos sítios arqueológicos prossegue, cabendo apenas as Instituições de ensino superior e pesquisa da região incentivarem os seus departamentos a desenvolverem atividades de pesquisa na região.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Higesia Engenharia Ltda. pela oportunidade de poder participar da equipe que realizou o Diagnóstico Ambiental da APA dos Brejões Vereda do Romão Gramacho, à geóloga Maria Lúcia Maciel Machado e a engenheira Andréia Cristiane Rios Leite Cabral, pelo convite e apoio durante todas as etapas do trabalho, ao Sr. Aloísio Cardoso, administrador da APA, pela amizade construída ao longo do trabalho e pela acessibilidade aos sítios arqueológicos em diversos outros momentos e a Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, pelo apoio no desenvolvimento de pesquisas na área de Arqueologia e Espeleologia.

REFERÊNCIAS

BARBERI, M. Arqueologia. In: ROCHA, A. J. O.; COSTA, I. V. G (Org). **Projeto mapa municipal - Município de Mono do Chapéu (BA):** informações básicas para o planejamento e administração do meio físico. Salvador CPRM, 1995.

BARBOSA, E. P. Significante, significados e símbolo na interpretação da cerâmica arqueológica. Porto Arqueologia. In: CABRAL, A. C. R. L; MACHADO, M. L. M. (Org). **Diagnóstico ambiental da APA Gruta dos Brejões veredas do Romão Gramacho:** relatório de diagnóstico ambiental. Salvador Higesia, 2001. V.I.



ANAIS
XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia

Januária MG, 04-14 de julho de 2003

Sociedade Brasileira de Espeleologia



BELTRÃO. M. C. M. C. A região arqueológica de Central. Bahia, Brasil: a Toca da Esperança, um sítio arqueológico do Pleistoceno médio. **FUNDAMENTOS - Revista da Fundação Museu do Homem Americano**. Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas. São Raimundo Nonato, n°1, p. 115-138.1996.

BELTRÃO. M. C. M. C.; COSTA, M. H. **Gravuras e pinturas rupestres no Brasil**. Dédalo. São Paulo, v. 8. n°16, p. 5-11,1972.

BELTRÃO, M. C. M. C.; ANDRADE UMA, T. Projeto Central. Bahia: os zoomoribs da Serra Azul e da Serra de Santo Ignácio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro. n°21. p. 147-156. 1986.

CALDERÓN. V. Notícia preliminar sobre as seqüências arqueológicas do médio São Francisco e da Chapada Diamantina. Estado da Bahia. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do primeiro ano, 1965-66**. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeidi, Belém. n°6, p. 107-120,1967.

____. Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do segundo ano, 1966-67**. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeidi, Belém. n°10, p. 135-146.1969- a.

____. **Estudo de arqueologia e «enologia**. Salvador CED/UFBA, 1983. 52 p.

MARTIN. G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: UFPE, 1997.450 p. il.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UNB, 1992. 605 p.